

DANAÇÃO

Danation

Daniel Afonso da Silva*

FERGUSON, Niall. *A grande degeneração: a decadência do mundo ocidental*. Trad. Janaína Marcoantonio. São Paulo: Planeta, 2013.

O Ocidente vai mal. Arrisca perder seu lugar ao sol. Suas leis e instituições expressam degeneração. Sua tendência indica conduzir-nos todos à grande danação. Seu sistema político majoritário, a democracia, progride carcomido pela hipocrisia. Sua estrutura econômica essencial, o sistema capitalista, dá sinais de insanidade. Sua paisagem jurídica, a argamassa do estado de direito, não vai composta que por cínicos, cretinos e medíocres. As exceções, muito diminutas, só fazem diminuir. Sua composição social, a sociedade civil, merece mais e mais a classificação de incivil por se portar mais de mais de maneira inconsequente, indiferente e indelicada. Indefeso e insone, todo projeto de civilização ocidental contempla sua autodestruição. Amarga, em assombro e aturdimento, sua inimaginável degradação. O comezinho imobilismo e a oportuna inação só fazem acelerar a marcha fúnebre rumo à perdição. Sem concessão nem ilusão essa acaba sendo a mensagem de *The great degeneration – How institutions decay and economies die*, o mais recente livro desse extraordinário intelectual britânico Niall Ferguson. *A grande degeneração: a decadência do mundo ocidental* (trad. Janaína Marcoantonio. São Paulo: Planeta, 2013) é a versão brasileira que vem justo de aparecer.

Nascido de sua série na prestigiosa *The Reith Lectures* da BBC de 2012 – não custa lembrar que *The Reith Lectures*, fundada em 1948 por Sir John Reith, segue das mais sofisticadas emissões radiofônicas do mundo que

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

conta anualmente com a presença de eminente pensador a discorrer sobre tema corrente e que Bertrand Russell, Arnold Toynbee, Robert Oppenheimer, John Kennedy Galbraith são apenas alguns dos que precederam Ferguson –, esse pequeno imenso ensaio representa o suprassumo da reflexão hodierna sobre o tempo presente.

Dotado de diversas qualidades – exímia exposição, implacável argumentação, múltiplas provocações – *A grande degeneração* demonstra que o *mainstream* quase nunca tem razão. Que o pensamento único praticado como esporte coletivo é a real e mais ofensiva maldição da lavoura. E que nos resta pouco, muito pouco, de humildade diante da vida e da história. Afinal, *le passé a toujours son mot a dire*, sempre ensinou Braudel do lado de cá da Mancha.

O núcleo do argumento de Ferguson se aninha na noção de “estado estacionário” de Adam Smith. Essa noção acaba por ser a explicação de Smith à diminuição do pão das nações. O foco da compreensão da razão do empobrecimento de estados outrora ricos. Péssimas leis e péssimas instituições. Na senda dessa consideração, Ferguson desfere seu entendimento sobre o Ocidente dos dias que correm.

Os que, como Francis Fukuyama, apostaram no *fim da história* e na universalização da democracia liberal no ocaso do socialismo real, estão frustradíssimos. Perderam dinheiro e perderam os sentidos.

Crises generalizadas das finanças públicas e privadas imantaram todos os principais atores democráticos ocidentais. As rotas do Atlântico, sobretudo do norte, deixaram de ser o estuário de concentração das forças econômicas. No atual, os maiores fluxos estão para além dos Urais. Muito em breve migrarão ao norte do Cazaquistão.

Soma-se a isso o feitiço da mundialização. Como todo fetiche, causa euforia. Nesse caso, fortemente sobre países abastados de segmentos sociais pobres e empobrecidos. Esses países sucumbem ao consumo. Consumir pode trazer satisfação e felicidade. Mas não diminuição das desigualdades. Que, em verdade, só fizeram aumentar. E, no limite, produzir o feito Argentina. Clássico país desiludido pela globalização. Vive do consumo, continua desigual e segue pouco ou nada global.

A despeito dessa inglória constatação depositária da perversidade da globalização, a democracia liberal ocidental segue destino e desejo. Ela ainda promete – e pode cumprir – ampliar as possibilidades de melhora-

mento social. Incluir e cuidar dos mais necessitados. Dar-lhes segurança, instrução, saúde, sonhos. Em troca, reivindica apenas confiança e reverência a si e às instituições.

Mas uma ode absoluta à legalidade fica muito debilitada quando para se abrir micro ou pequena empresa em Lima, no Peru, por exemplo, sejam gastos 289 dias e para se receber concessão para construção de casa em terreno estatal sejam necessários quase 7 anos com trâmites em 52 departamentos diferentes (p. 29).

Nada suporta essa burocracia. Inútil e ineficaz. Nem discussão pode merecer. Mas todo ensaio de Ferguson toca nesse ponto para chegar ao ápice de sua argumentação que aparece em sua avaliação da crise financeira de 2007.

Contrária às aparências, instiga Ferguson, essa burocracia, fundada nessa lógica democrática liberal ocidental, fundamentou toda a regulamentação, regras e instrumentos da crise. Não procede seguir a acreditar em desregulamentação como entendem Paul Krugman, Simon Johnson, Richard Posner, Sandy Weill e outros da mesma proa. Extensa malha jurídico-burocrática foi construída para sustentar a especulação.

Começo efetivo de tudo foi o Acordo do Comitê de Supervisão Bancária de Basiléia de 1988. Suas determinações impunham, sem pudor, incentivar executivos bancários a maximizar capitais aos acionistas. Não demorou para essas normas serem adaptadas às empresas. Adiante o Federal Reserve liderou a manobra de bancos centrais para sustentar o mercado de capitais – sobretudo de imóveis – dos Estados Unidos. O *put Greenspan* – hoje o *put Bernake* – entre os *habitués*. Adiante o Congresso americano aprovou aumento no percentual de endividamento de famílias de baixa renda desejosas da aquisição da casa própria. Próximo passo, o colapso do mercado de contratos creditícios de derivativos. Certa desregulamentação apenas nesses derivativos. O resto tudo teve regulação, aprovação, avaliação. Como lembra o por vez viperino Ferguson, “não há mercado financeiro desregulado, como qualquer estudante da Mesopotâmia antiga sabe” (p. 49).

Com ou sem regulamentação, a pasmaceira que vivemos produz sensações horripilantes e que ficam progressivamente mais inaceitáveis pela certeza da impunidade. Inexiste estrutura jurídico-burocrática de punição. O estado de direito está fragilizado. Sua capacidade de punir, debilitada. A classe jurídica em escala ocidental navega no acanhalamento

sem limites. Somado a isto resta à sociedade civil abatimento, consumismo, individualismo e falsos relacionamentos. Novamente na contracorrente do *mainstream*, Ferguson afirma decididamente que o mundo virtual cria redes, mas passageiras.

Toda ousadia de Ferguson convida polêmicas. Independente de eventuais discordâncias, *A grande degeneração* merece meditação. Nunca vai demais repensar o que somos. Jamais existe excesso em definir para onde vamos. Adensar essa reflexão e impedir nosso avançar à danação acabam sendo a potente mensagem da obra e seu autor.

Recebido em outubro de 2013.

Aprovado em março de 2014.